

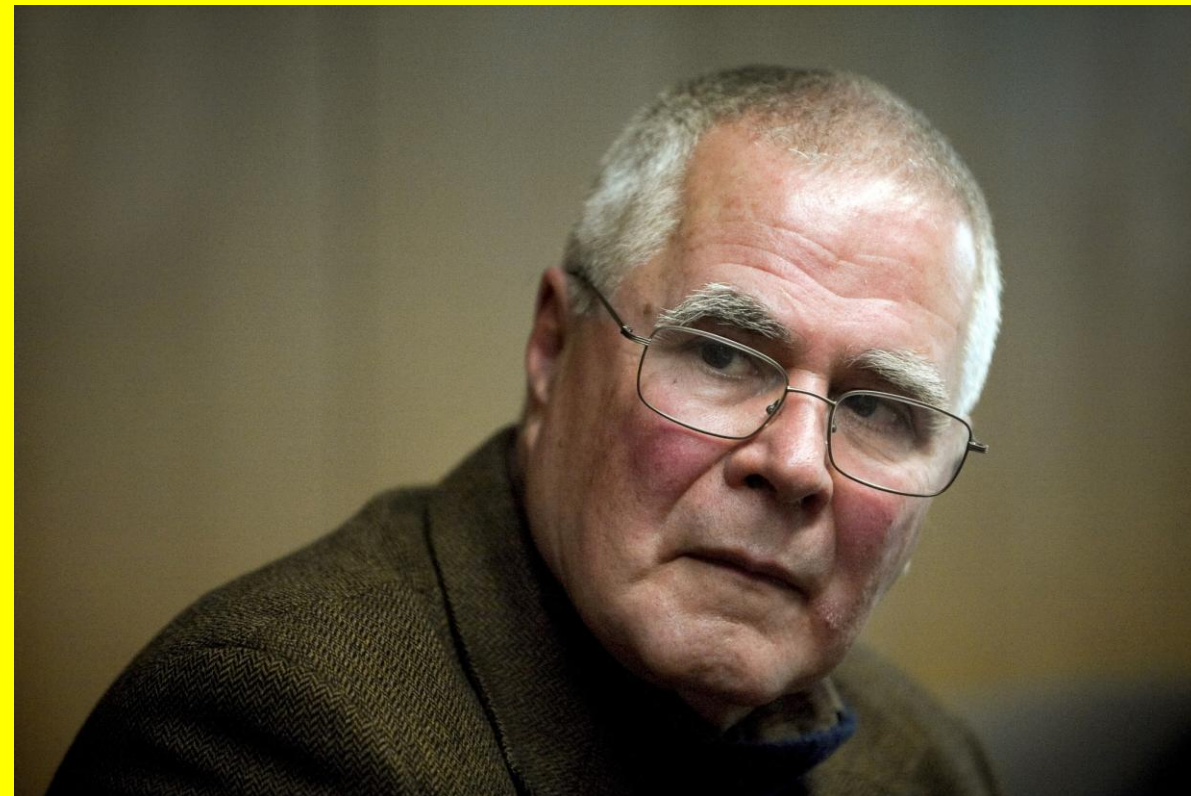
A Felicidade e o Sentido da Vida Nível I

Marcos
Bazmandegan



É um homem feliz? Há uma frase no seu último livro, Em Busca da Identidade, em que se fala da possibilidade de sonhar, até de sonhar com a felicidade.

Não é a felicidade que procuro. Nem sei mesmo dizer-lhe se sou feliz - não é o que me interessa. Há um estado a que o Espinosa chama "beatitude" e que se define por imanência. O que é estar num estado de imanência?



Podemos ter uma ideia pensando em como as crianças estão: quando está a brincar, ela é o mundo, ela confunde-se e não se confunde com as coisas com que brinca. Sabe perfeitamente que não é o avião que está a fazer aterrar, mas é ao mesmo tempo o avião. Acontece que eu já vivi isso, todos já vivemos.

Num estado de paixão?

Um estado de paixão é um estado de imanência. Em que não há diferença entre sujeito e objeto. O mundo passa e nada pode quebrar a continuidade do seu tempo, interno e externo. E isso é que lhe permite viver num mundo profundamente quebrado pelo mal, pela guerra, pela infelicidade. Não quero ser grandiloquente nem demagógico, mas não é possível ser feliz quando crianças, como ontem no Iraque, rebentam, explodem. O Iraque somos nós. Mas é possível estar em estado de beatitude e saber que há esse mal no mundo. Ser feliz? Não sou. Não sou infeliz. Procuro outra coisa.

Entrevista a José Gil, in Público.

<https://www.publico.pt/2010/01/03/jornal/jose-gil-o-homem-que-nao--procura-a-felicidade-18491765>

Máquina De fazer Felicidade

Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as coisas humanas postas desta maneira,
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seriam melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!



Ontem o pregador de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem
sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer,
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.
Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos
outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é
deles.

E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!
Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser
redonda,
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.
Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam
ficar iguais.
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas?



pregador de verdades

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —
Que felicidade é essa que parece ter—a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra coisa indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

**Estes são poemas de Alberto Caeiro, isto é,
Fernando Pessoa**



Um livro para ser feliz

Autoajuda:
Felicidade
Sucesso
Propósito



Felicidade e Capitalismo



Marketing da Felicidade



A Felicidade é um bem de consumo?

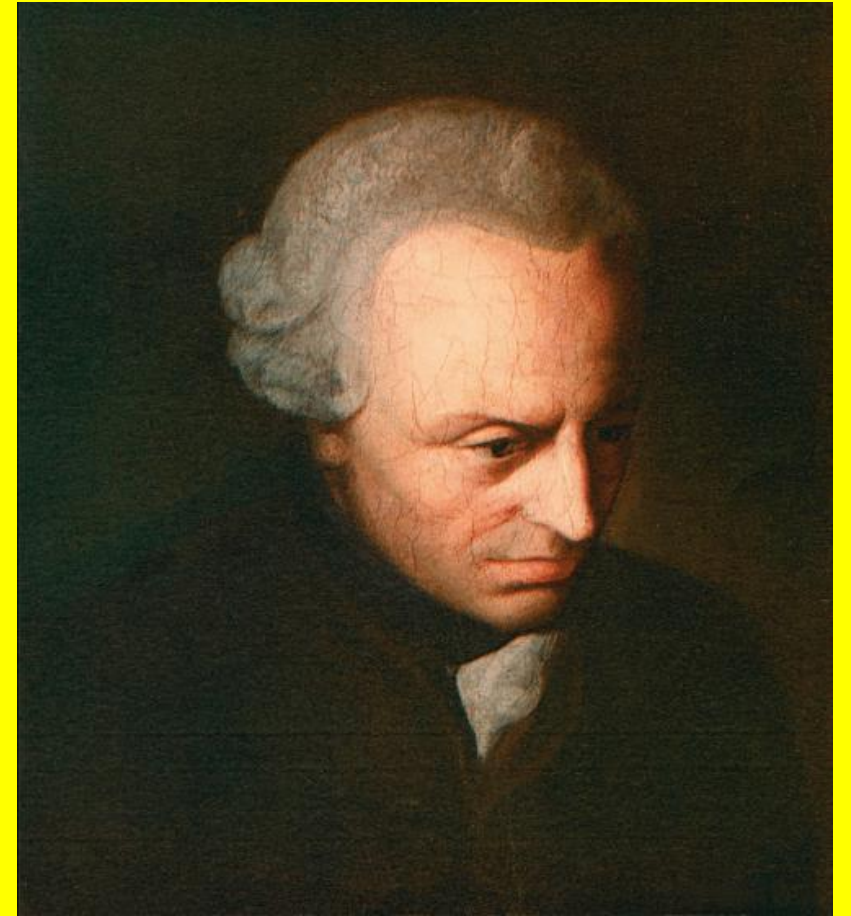
É um produto que pode ser comercializado?



Mas afinal o que é a Felicidade?

“O conceito de felicidade é tão vago que embora toda a gente deseje alcançar a felicidade nunca ninguém consegue dizer de forma definitiva e constante o que realmente espera e deseja.”

Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*





Terá sido
sempre
assim?

O dever de ser feliz: *Don't worry, be happy!*
Felicidade: a grande obsessão contemporânea.
Credo moderno: Temos o direito de ser felizes.
Ditadura da Felicidade → Dentadura da Felicidade

Na Antiguidade, a Felicidade estava associada à sorte, fortuna e destino. Ser feliz era obra do destino e da sorte, era viver na boa graça dos deuses.

Eudaimon (adj.) – *eu* (bom) + *daimon* (deus, espírito, demónio).

Mazal tov (hebraico) – *mazalot* (constelações, destino) – *mazal* (sorte, boa fortuna).

A felicidade está fora do nosso controlo.

Etimologias:

Happiness – *happ* (acaso, fortuna) – perhaps.

Bonheur – *bon* (bom) + *heur* (fortuna, sorte).

Glück – sorte, fortuna.

Felicidade – *felix* (sorte, fado).



As quatro escolas de Atenas

Sócrates

Platão e Aristóteles

Epicuro e Zenão

Sócrates rompe com a perspectiva fatalista da Antiguidade ao afirmar que os seres humanos poderiam influenciar o seu próprio destino através das suas ações.

Traz a questão da Felicidade para o primeiro plano do indagar filosófico. A Felicidade como fim supremo da busca humana e a Ética como o caminho para lá chegar. Enquanto os Pré-socráticos estavam mais preocupados em questões cosmológicas e epistemológicas.

A Felicidade está ao alcance do ser humano.

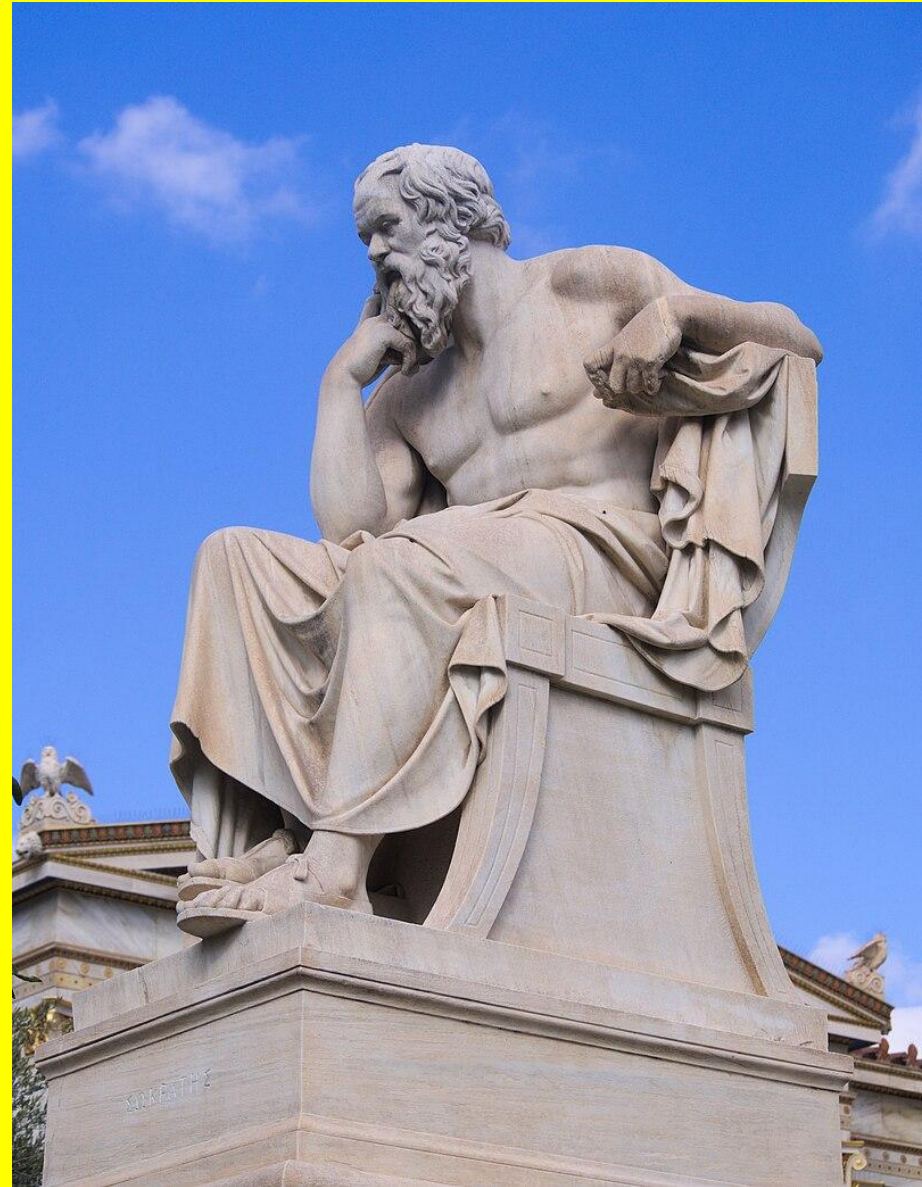
A Felicidade como um anseio humano natural.

A Felicidade passará por uma educação do desejo (Banquete – Platão).

A educação do desejo é um processo longo e difícil.

Parte do amor pelas coisas belas até chegar ao amor pelo “infinito oceano da beleza”.

O desejo só se satisfaz verdadeiramente (orgasmo intelectual) na contemplação extasiada da beleza.



Sócrates é condenado à morte por não honrar os deuses antigos e desencaminhar a juventude da cidade de Atenas.

Segundo a sua própria defesa, Sócrates estava a ser morto como recompensa de ter ensinado ao povo a “realidade da felicidade” (Apologia de Sócrates).



A morte de Sócrates (Jacques-Louis David, 1787)

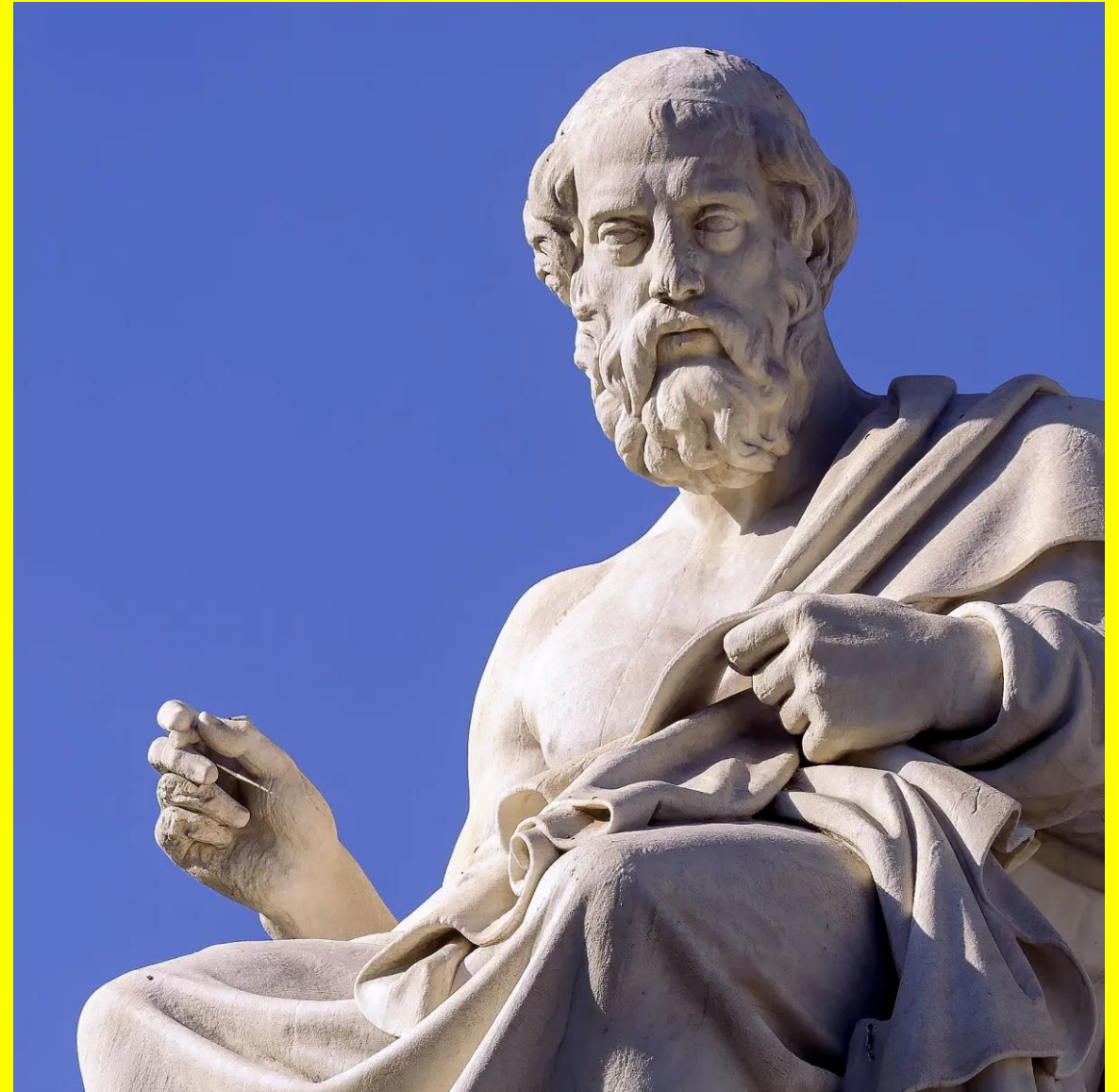


Escola de Atenas (Rafael, 1509-1510), Vaticano.

Platão odiava a democracia ateniense, em grande parte por ter sido ela a condenar o seu mestre.

Ele era um aristocrata e considerava que a educação do desejo só se desenvolveria apenas em circunstâncias especiais, devido à constante tendência humana para se desviar do bem.

Por isso, na República, considera que a única maneira de fazer com que a maioria alcance a felicidade (que passa pela educação do desejo) é criar um sistema coercitivo num Estado governado por filósofos.



É, sobretudo, na Ética que Aristóteles trata da Felicidade. Como Sócrates e Platão, acredita que a Felicidade está ao alcance dos seres humanos.

Aristóteles acentua a noção de fim (telos): todas as coisas no universo têm um fim. O ser humano também tem uma finalidade (finalismo – suposição teleológica). Qual é o fim do ser humano? Se a atividade humana por excelência é viver e agir em conformidade com a razão, então a finalidade do ser humano é a felicidade. A felicidade através de uma vida virtuosa, isto é, conduzida pela razão.

Esse é o bem supremo, diante do qual todos os outros bens são meios. A felicidade é o fim último do Homem.

O que o distingue dos seus mestres é que considera que esse fim deve ser procurado neste mundo, no mundo à nossa volta.



Contudo, para Aristóteles (ao contrário de Sócrates e Platão) a virtude por si só não é suficiente para a Felicidade. Ela contribui para a Felicidade juntamente com outros elementos: bens exteriores (dinheiro, amigos, filhos, boa família, beleza física).

Aristóteles, como alguns dos seus contemporâneos, não acreditava que as mulheres e alguns deficientes (deficientes de razão e, portanto, de virtude), as crianças (incapacidade de raciocínio deliberativo) e todos aqueles com recursos insuficientes (sem acesso ao lazer, à educação e à independência) poderiam alcançar a Felicidade.

Os candidatos à Felicidade eram uma minoria de homens livres. E a educação para a Felicidade seria uma educação de elite (preparação para a Política). Estes seriam os destinados a governar a pólis (eudemonocracia – o governo dos felizes).

ΗΘΙΚΩΝ ΝΙΚΟΜΑΧΕΙΩΝ Α.

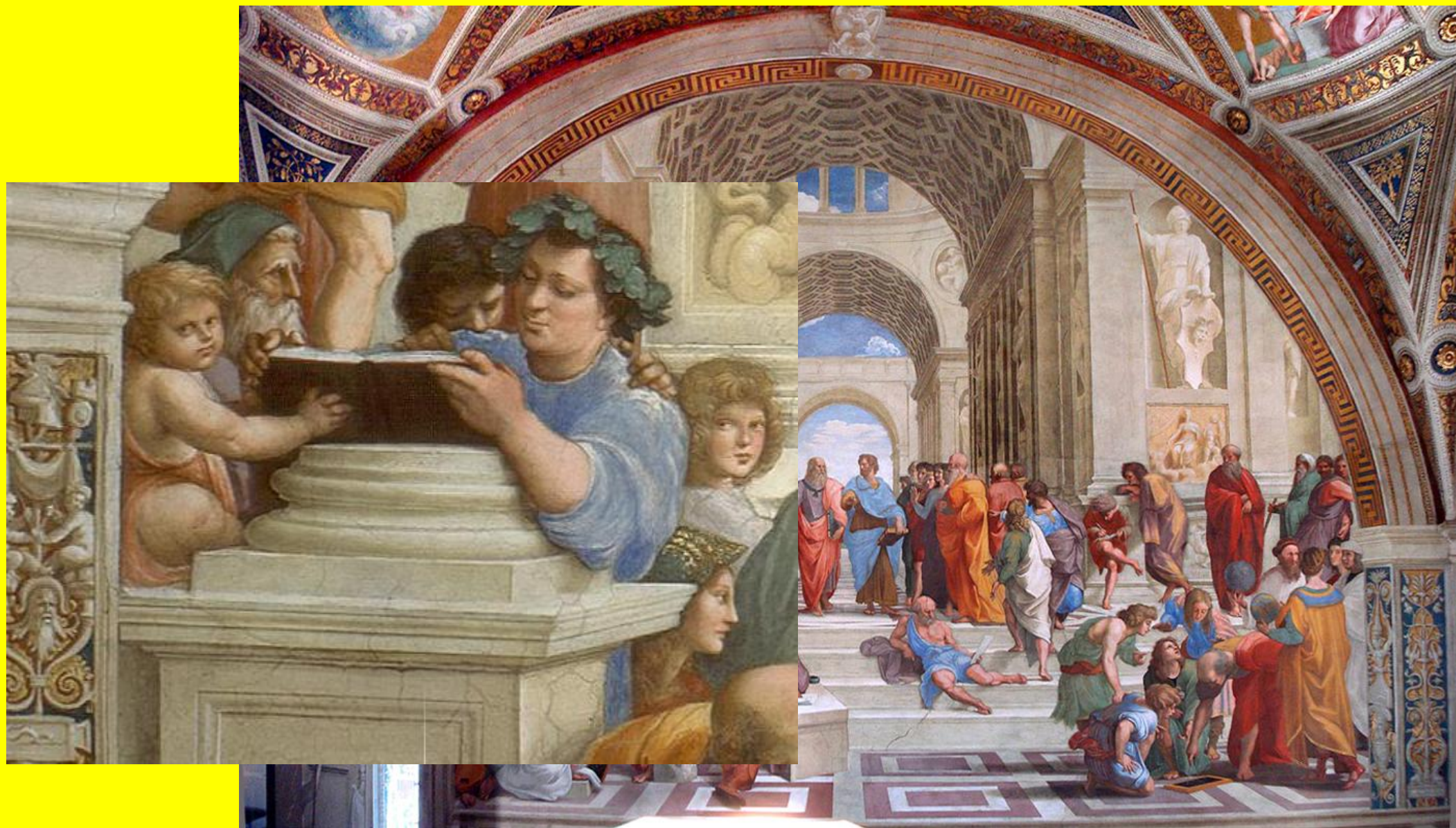
ΠΑΣΑ τέχνη καὶ πᾶσα μέθοδος, ὁμοίως ^a δὲ πράξεις τε καὶ προαίρεσις, ἀγαθοῦ τινὸς ἐφίεσθαι δοκεῖ· διὸ καλῶς ἀπεφάναντο τὰγαθόν, οὐ πάντ' ἐφίεται. Διαφορὰ δὲ ^b τις φαίνεται τῶν τελῶν· τὰ μὲν ^c γὰρ εἰσιν ἐνέργειαι, τὰ δὲ ^d παρ' αὐτὰς ἔργα τινά. Ὡν δ' εἰςὶ τέλη τινὰ παρὰ τὰς πράξεις, ἐν τούτοις βελτίω πέφυκε τῶν ἐνεργειῶν τὰ ἔργα. Πολλῶν ^e δὲ πράξεων οὐσῶν καὶ τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν πολλὰ γίνεται· καὶ τὰ τέλη· ἱατρικῆς μὲν ^f γὰρ ὑγεία, ^g ναυπηγικῆς δὲ πλοῖον, στρατηγικῆς δὲ ^h νίκη, οἰκονομικῆς δὲ πλοῦτος. Ὅσαι ⁱ δ' εἰςὶ τῶν τοιούτων ὑπὸ μίαν τινὰ δύναμιν, καθάπερ ὑπὸ τὴν ἵππικην ^k ἢ ^l χαλινοποικὴ καὶ ὅσαι ^m ἄλλαι τῶν ἵππικῶν ὀργάνων εἰσὶν· ⁿ αὕτη δὲ καὶ πᾶσα πολεμικὴ πράξις ὑπὸ τὴν στρατηγικὴν· ^o τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον ἄλλαι ὑφ' ἑτέρας· ἐν ἀπάσαις ^p δὲ τὰ τῶν ἀρχιτεκτονικῶν τέλη πάντων ^q ἐστὶν αἰρετώτερα τῶν ὑπ' αὐτά· τούτων γὰρ χάριν ^r κακεῖνα διώκεται. Διαφέρει δ' οὐδὲν τὰς ἐνεργείας αὐτὰς εἶναι τὰ τέλη ^s τῶν πράξεων ἢ παρὰ ταύτας ἄλλο τι, καθάπερ ἐπὶ τῶν λεχθεισῶν ἐπιστημῶν. Εἰ ^t δὲ τι τέλος ἐστὶ τῶν πρακτῶν (2) ^u δ' αὐτὸ ^v βουλόμεθα, τᾶλλα δὲ διὰ τοῦτο, καὶ μὴ πάντα δι' ἕτερον αἰρούμεθα (πρόεισι γὰρ ^w οὕτω γ' εἰς ἅπειρον, ὥστ' εἶναι κενὴν καὶ ματαίαν τὴν ὁρεξιν), δῆλον ὡς τοῦτ' ἂν εἴη τὰγαθὸν καὶ ^x τὸ ἀριστον. Ἄρ' οὖν καὶ πρὸς τὸν βίον ^y

Codices H^a.K^b.L^b.M^b.N^b.O^b.

^a δὲ] δὲ καὶ H^a.M^b.N^b.O^b. ^b τις om. M^b. ^c γὰρ αὐτῶν εἰςὶν M^b. ^d παρὰ ταύτας corr. K^b. ^e δὲ L^b. ^f καὶ om. K^b.M^b.N^b. et pr. H^a. ^g γὰρ om. M^b.O^b. ^h ναυτικῆς H^a. ⁱ νίκαι L^b. ^k ἢ add. L^b. ^l χαλινοποιικῆ H^a.L^b.M^b.N^b.O^b. ^m ἄλλαι τῶν] τῶν ἄλλων L^b. ⁿ αὐταὶ M^b. ^o τῶν] κατὰ τὸν K^b.M^b. ^p δὲ M^b. ^q εἰσὶν L^b.N^b. ^r ὑφ' αὐτά H^a.L^b.M^b.N^b.O^b. ^s κακεῖνα L^b. ^t δὲ H^a. ^u αἰρούμεθα L^b. ^w οὕτως εἰς L^b.M^b.N^b.O^b. ^x τὸ om. M^b.

VOL. IX.

B



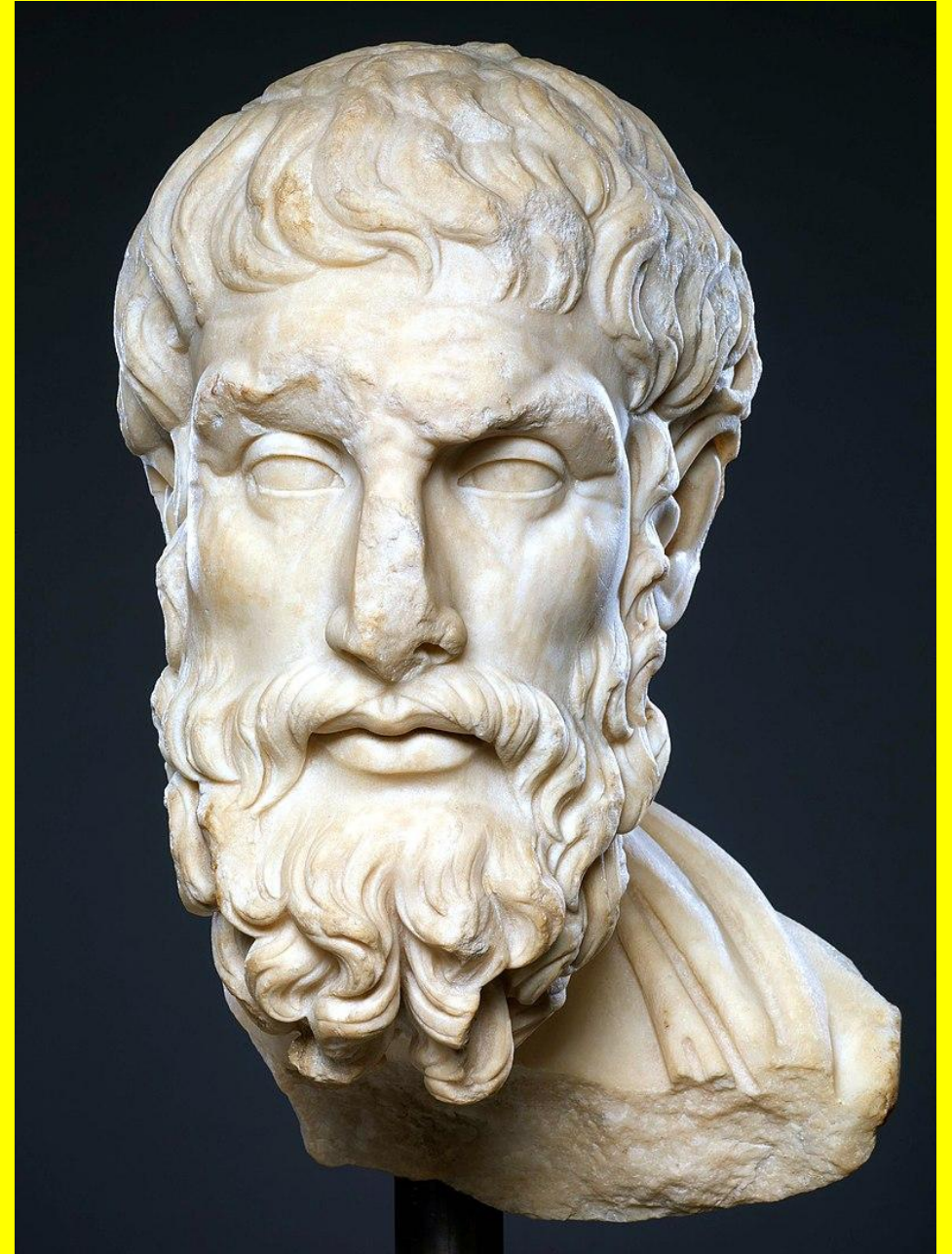
Escola de Atenas (Rafael, 1509-1510), Vaticano.

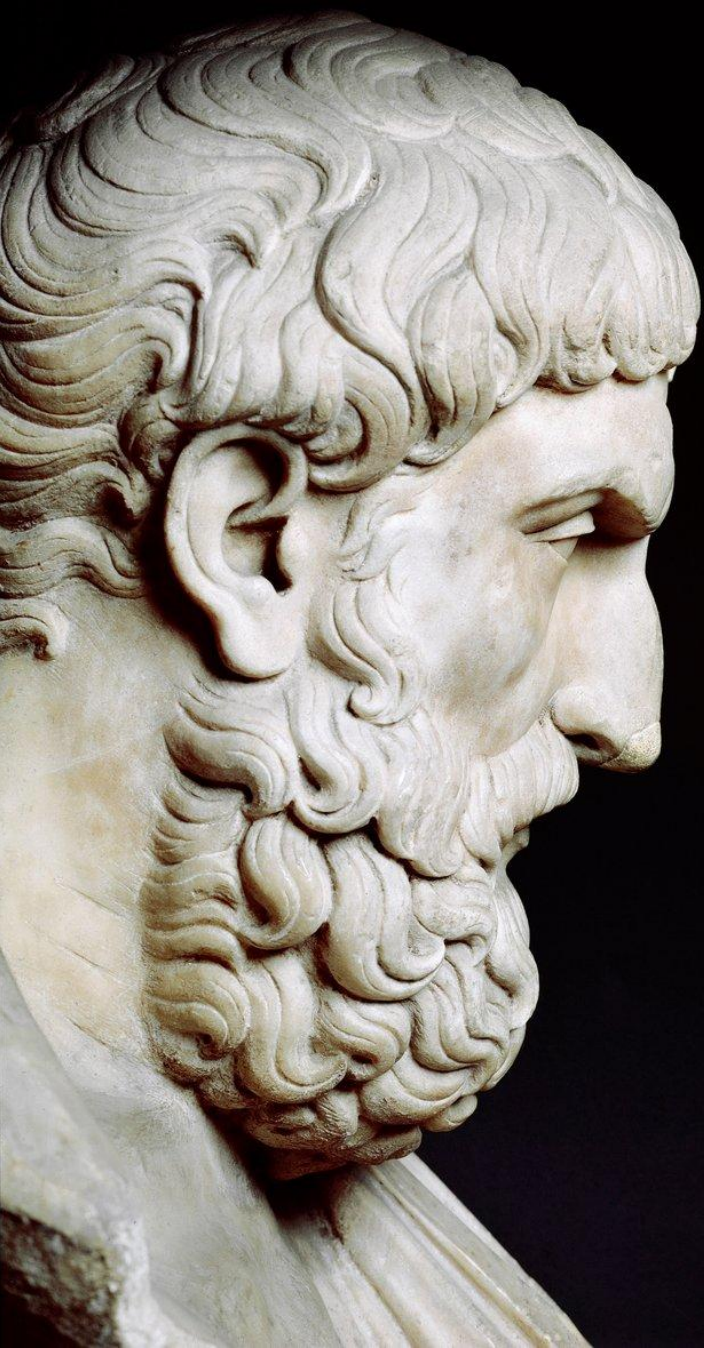
Epicuro considerava que se a Filosofia não fosse capaz de expulsar o sofrimento humano, não tinha utilidade alguma.

Comprou uma casa – “o Jardim” – onde se reunia com os seus discípulos (inclusive mulheres e escravos). Grande parte do que conhecemos dos seus ensinamentos chegaram-nos por um epicurista romano: Lucrécio (*De rerum natura* – Da natureza das coisas).

“O prazer é o princípio e o fim de uma vida feliz.” – Somos naturalmente atraídos para o prazer e fugimos naturalmente do sofrimento e da inquietação. Toda a luta contra a natureza é inútil. Procurar a felicidade nas alturas é uma quimera.

Visão radicalmente materialista. O universo é matéria e vácuo. Ainda que existam os deuses, não há nenhum tipo de providência divina. As sensações são a fonte de toda a experiência e de todo o bem e de todo o mal. Seguir o curso da natureza é procurar aquilo que nos causa prazer e fugir daquilo que nos causa sofrimento.





Ao contrário do que muitos pensam, Epicuro nunca defendeu o hedonismo:

“Quando dizemos que o prazer é o fim, não estamos a falar do prazer dos libertinos ou do que reside na sensualidade, como pensam alguns ignorantes (...); referimo-nos mais propriamente à ausência de dor física e da angústia mental.” (Carta a Meneceu sobre a Felicidade).

Felicidade:

Ausência de dor física → **Aponia**

Ausência de angústia mental ou ansiedade → **Ataraxia**

Para as alcançar é preciso desenvolver o conhecimento do mundo e de nós próprios (autoconhecimento).

Nada mais contrário à Felicidade do que a superstição.

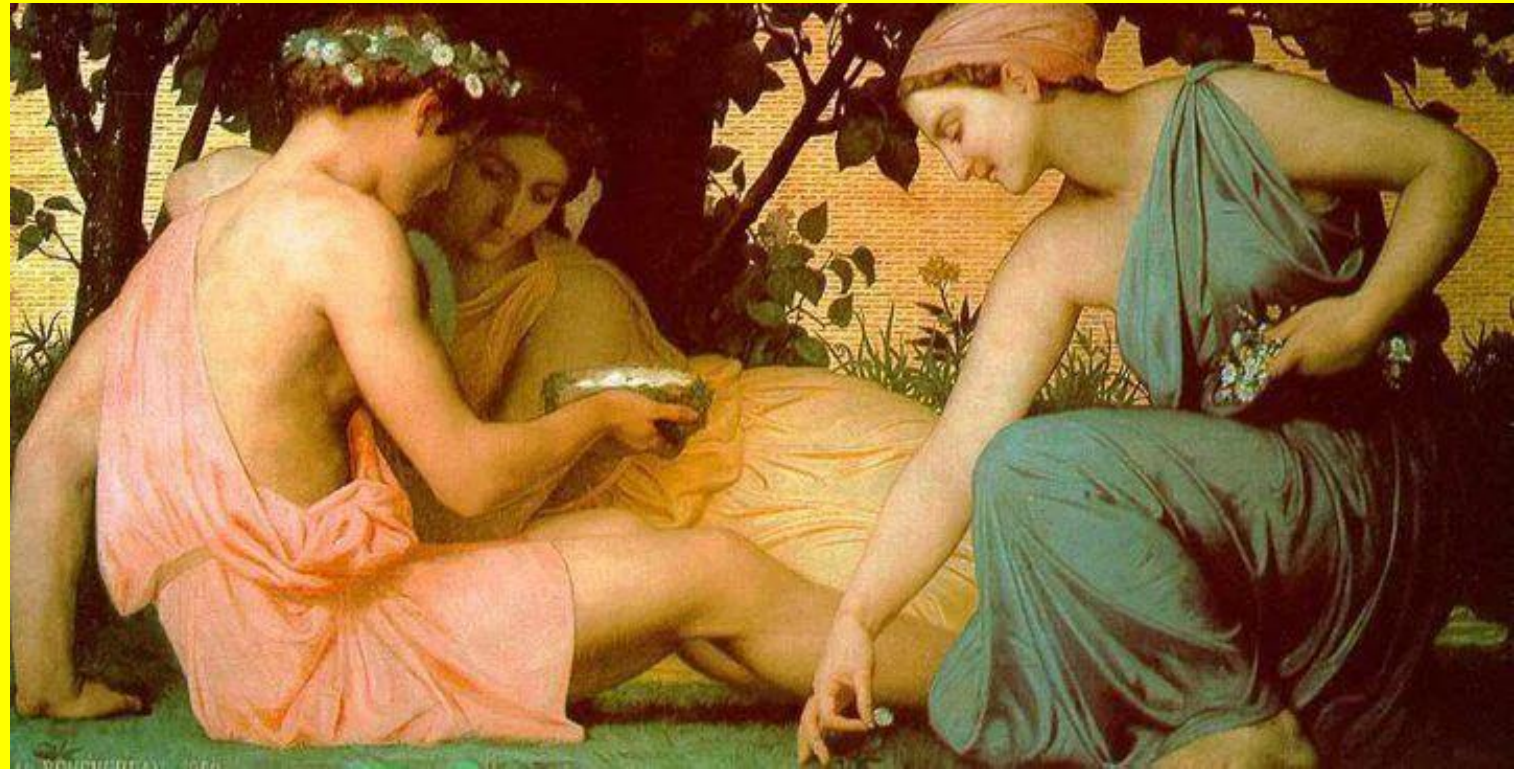
O conhecimento liberta-nos das fontes do sofrimento.

Tudo depende do desejo. A maioria dos nossos desejos é fútil e vazia, sem relevância para a nossa saúde de corpo e de mente (paz de espírito).

“Livrai-me da fome, da sede e do frio! O homem que tem estas certezas e que espera sempre tê-las competiria até com Zeus na felicidade.” (Máximas)

Redução do desejo àquilo que é essencial: vida sóbria e frugal (alimentação, abrigo, mínimo de segurança). – “Aquele que não se satisfaz com pouco, não se satisfaz com nada.” (Fragmentos).

Posteriormente, o epicurismo foi confundido com uma forma de hedonismo.



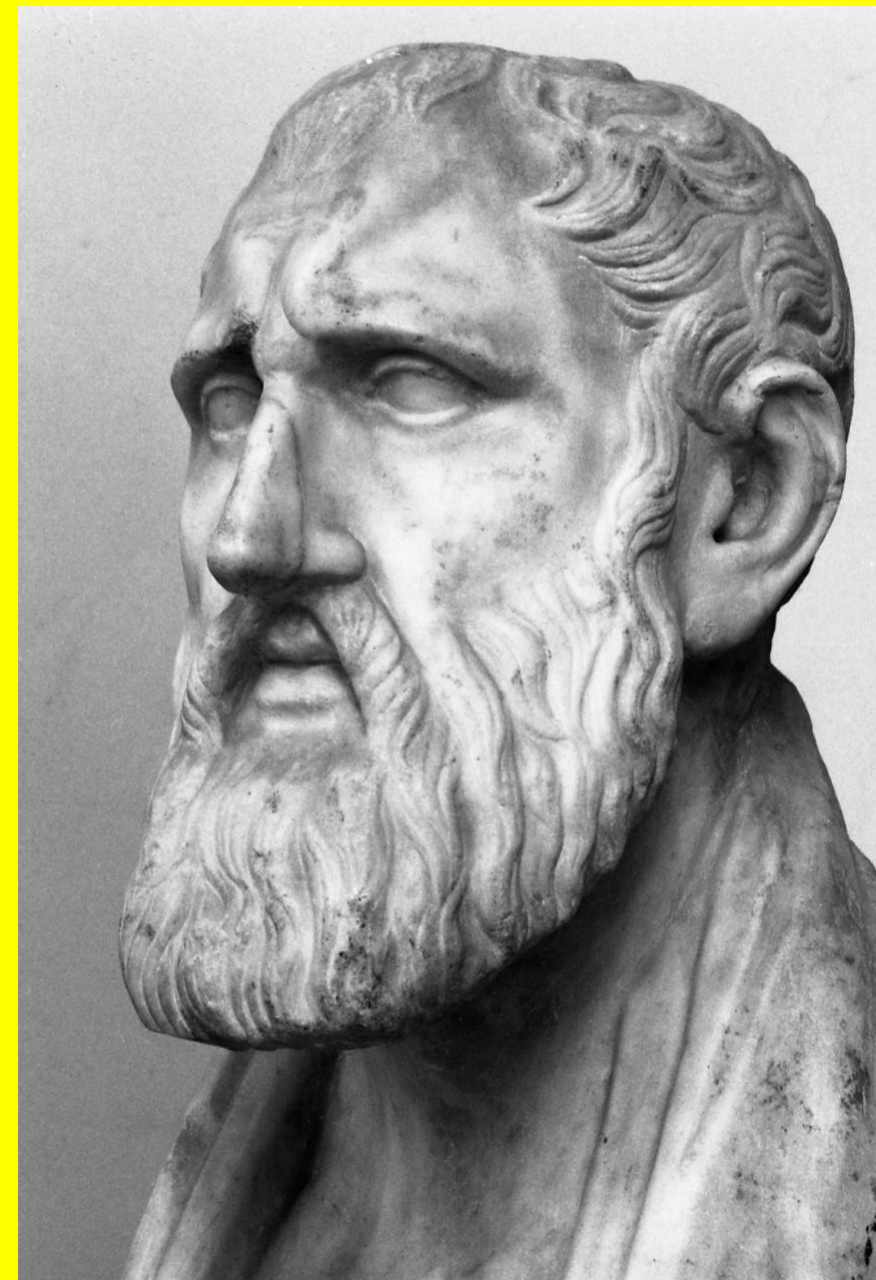
Zenão de Cítio, fundador do estoicismo (reunia-se com os seus alunos junto ao pórtico – stoa – pintado, uma colunata na ágora de Atenas), escreveu muito, mas não nos chegou nenhum fragmento. Parte do seu pensamento sobreviveu nos escritos de estóicos gregos (Epicteto) e romanos (Sêneca, Cícero e Marco Aurélio).

Para Zenão, o universo não é um caos aleatório, mas um todo harmonioso, ordenado por uma providência – logos.

Mesmo quando não conseguimos discernir, há um sentido no universo. O ser humano deve harmonizar-se com esta ordem. A sua natureza individual deve harmonizar-se com a natureza em geral. O caminho para isso é a virtude.

Viver virtuosamente é ordenar a vida em harmonia com a ordem presente no universo (logos). Daqui nasce a Felicidade.

A virtude é o único elemento da Felicidade. Todos os outros bens são dispensáveis para se ser feliz. Nem o prazer nem a dor são relevantes no caminho da felicidade, apenas a virtude. O homem virtuoso é alheio a tudo aquilo a que o destino o submeta.



Algumas conclusões:

- A felicidade é para estes filósofos um estado **objetivo**.
- É fruto do desenvolvimento **racional** e não depende tanto do sentimento.
- A felicidade aparece como a recompensa da **virtude** e a finalidade última do ser humano.

O mais antissistema dos filósofos da Antiguidade foi Diógenes de Sinope, que deixou tudo para viver a sua filosofia da virtude e da liberdade. Mais do que teorias, apelava à prática e scandalizava os seus contemporâneos de maneira a chamar a atenção para a hipocrisia da sociedade do seu tempo.

Discípulo de Antístenes, que tinha sido aluno de Sócrates e fundador dos cínicos (kynismós). Detestava Platão, por considerar que este tinha deturpado o ensinamento de Sócrates, por ter trocado o mundo real pelo mundo das ideias. Para os cínicos o propósito da vida era viver uma vida virtuosa de acordo com a natureza, rejeitando todas as convenções sociais de riqueza, poder e fama. Valorizavam, sobretudo, a liberdade, a autossuficiência (autarkeia) e a ausência de perturbações emocionais (apatheia). E nisso, consistia, em grande parte, a Felicidade.

A vida de Diógenes é escandalosa, provocativa e dificilmente imitável, por isso não deixa discípulos.



Horácio, o poeta romano, retrata bem a sociedade do seu tempo (século I a.C.). Roma estava em decadência: espetáculo do excesso. Este excesso afastava-se do ideal de felicidade romano, em grande parte influenciado pelos pensadores gregos.

Havia uma grande ânsia por uma vida mais simples, um retorno aos velhos tempos.

Assim, a imagem da Felicidade romana, de acordo com Horácio, passava por uma vida honesta, trabalhadora, do homem autoconfiante e robusto. O agricultor romano, base da civilização romana. Aquele que retira prazeres simples e honestos de coisas simples e honestas. A valorização da amizade sincera, do trabalho honesto e dos pequenos prazeres (como um copo de vinho e uma boa conversa). O ideal do Carpe Diem.

Este ideal de Felicidade reflete o carácter eclético dos romanos, retirado de várias fontes e correntes da filosofia grega.



O desejo de regressar a uma idade de ouro imaginária expressava um profundo descontentamento com o presente.

Esse sentimento de insatisfação foi acompanhado por todo um fascínio pelos cultos orientais que chegavam ao Império. De maior destaque: o Mitraísmo e o Cristianismo.



Mitraísmo e Cristianismo disputaram o seu lugar nos primeiros séculos da era comum. Ambos converteram aos seus cultos um grande número de adeptos por todo o Império.

Felicidade e Religião

Judaísmo
Cristianismo

Embate da pregação cristã contra o Paganismo. Concordavam com o fim (a procura da Felicidade), mas não com os meios. Só o Cristianismo poderia satisfazer os anseios de felicidade dos pagãos.

No sermão da montanha, Jesus promete a bem-aventurança aqueles que o seguem. A palavra usada no Novo Testamento é makarios (gr.), sinónimo de eudaimon, ainda com um sentido mais sublimado.

A palavra makarios é a mesma utilizada na tradução dos LXX da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento) para traduzir a palavra hebraica ashrei.

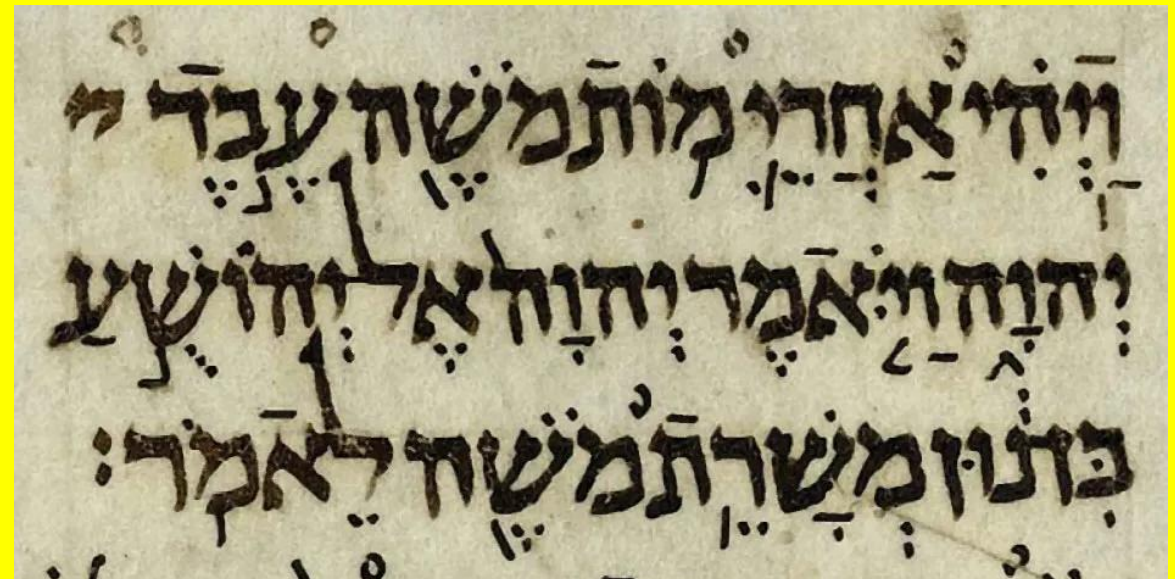
Para compreender o conceito cristão de Felicidade e o seu contraste com o do Paganismo grego e romano é preciso uma breve introdução ao conceito judaico de Felicidade.



A palavra hebraica para Felicidade é ashrei (אשרי) e aparece inúmeras vezes nos Salmos. Felizes são aqueles que caminham na Lei de YHWH e cumprem os seus preceitos.

É uma prática e implica o movimento. É a própria metáfora fundamental do Êxodo. Na própria celebração do seder pascal, termina-se: “Para o ano em Jerusalém”. A salvação está sempre no futuro, a realizar-se. O Êxodo é uma experiência vivida por cada um em todas as gerações. É um caminho a ser percorrido, e é preciso apreciar a viagem.

Os frutos do cumprimento da Lei são estes: comer do fruto do seu trabalho, prosperidade, fecundidade no lar, longevidade (Sl. 128). Ser feliz passa por conhecer o favor de Deus e desfrutar dos bens materiais nesta vida.



Há uma insistência na ideia de salvação coletiva do povo de Israel. A salvação e a felicidade têm um carácter social porque é coletiva, vem para todo o povo e para o mundo inteiro. Dimensão messiânica da Felicidade.

A Nova Jerusalém é um tempo novo que trará uma felicidade diferente. Há uma utopia messiânica na concepção judaica da Felicidade.

A era messiânica era a culminação do tempo e da História. Perspetiva apocalíptica, muito presente na época de Jesus: um tempo de paz, saúde, prosperidade, segurança e felicidade para todos.

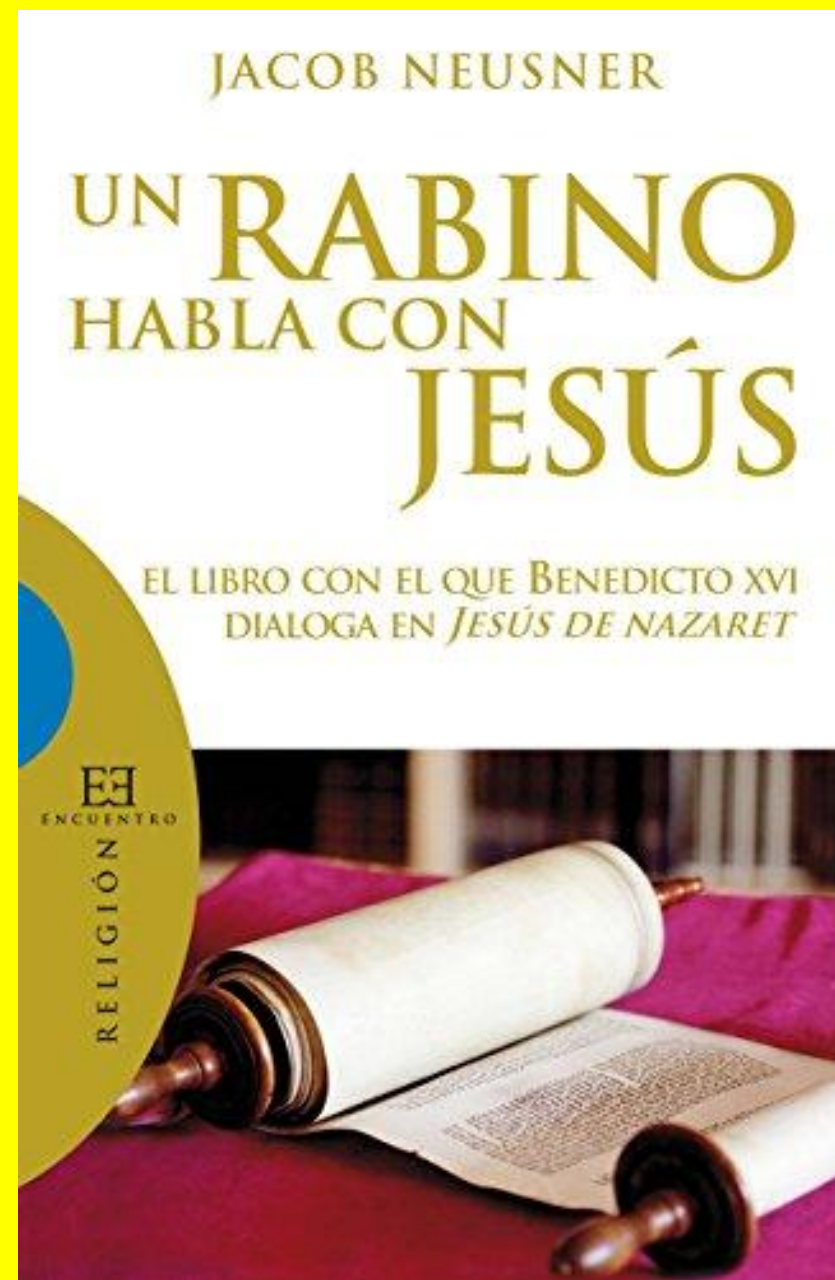


Desde o princípio há uma particularidade no discurso de Jesus de Nazaré. O caminho para a salvação e para a felicidade passam por ele: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Cristo nas Bem-Aventuranças recomenda a aceitação ativa do sofrimento e a ênfase recai sobre a promessa de uma recompensa futura.

Esse caminho era estranho tanto para os judeus como para os pagãos: a cruz era um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios (1 Cor. 1:23).

A salvação eterna e a visão beatífica passam a ser o ideal de Felicidade do Cristianismo. O ideal de felicidade desloca-se para o outro mundo e para o pós-morte.



Uma das figuras centrais do pensamento teológico sobre o tema da Felicidade no Cristianismo foi Agostinho de Hipona.

O seu percurso de vida e procura da felicidade estão descritos na sua obra autobiográfica: Confissões.

Escreve uma obra dedicada à Felicidade enquanto se preparava para o batismo: De beata vita. Nela afirma que ser feliz é não ter necessidades, é ter Deus dentro da alma e é desfrutar de Deus.

A nossa sede de felicidade pode ir sendo aliviada na medida que conhecemos a Deus, mas nesta vida nunca seremos saciados. Grande dívida com o pensamento neoplatónico (Porfírio e Plotino).

Na sua obra Cidade de Deus, apresenta uma teologia da História, na qual tudo o que ocorre, acontece para que se cumpra o desígnio de Deus. Nesta perspetiva insere-se a doutrina do pecado original (infelicidade terrena) e a redenção de Cristo (único caminho para a Felicidade plena).



João Escoto Eriúgena introduz as obras de Dionísio Areopagita no Ocidente. Estas obras terão uma enorme influência sobre a teologia e a espiritualidade da Idade Média.

Pseudo-Dionísio foi um monge sírio do século VI, muito influenciado pelo neoplatonismo (Proclo).

Baseado nesse neoplatonismo, valoriza a Teologia Mística, particularmente o processo de divinização: teose.

Todo este processo de teose é um processo de espiritualização, de afastamento da matéria e do corpo.

O ideal de Felicidade do Cristianismo teológico começa a ganhar contornos cada vez mais platônicos.



O ideal de contemplação leva a que muitos se recolham em mosteiros para dedicarem a sua vida ao estudo e à oração: o monaquismo. O monaquismo vai aliar a teologia mística a um ascetismo rigoroso.

Simeão Estilita é um caso paradigmático da ascética cristã.

Nestas correntes vemos um abandono da condição humana, uma fuga do corpo e um abandono do eu. Procura-se ultrapassar os limites humanos da razão e da compreensão para atingir a iluminação divina e a união com Deus.







Livros do Formador:

- Metamorphosis: Diálogos de Filosofia e Psicanálise.
- Uriel da Costa: Exílio da Verdade.

